

Tarefa 4 | Testes em animais

Você é um ativista engajado na luta em favor dos animais. Com base na leitura da reportagem, escreva uma carta aberta a ser divulgada nas redes sociais, chamando a população para o debate. Em seu texto, apresente argumentos éticos e científicos em defesa dos animais.

TESTES EM ANIMAIS

Por Redação

Em 18 de outubro de 2013, o Instituto Royal em São Roque (SP), que realizava testes científicos em animais, foi invadido por cerca de 40 ativistas que libertaram cães da raça beagle e alguns coelhos. Menos de um mês depois, o local foi novamente invadido e, dessa vez, camundongos foram retirados. O instituto encerrou suas atividades, e o episódio reacendeu a discussão do uso de animais em testes científicos.

O principal objetivo dos testes em animais é encontrar soluções para o tratamento efetivo ou preventivo de determinadas doenças. No entanto, a situação gera um conflito ético, ponto central da polêmica que divide os ativistas e os cientistas: os testes ajudam a prevenir e salvar seres humanos, mas, em alguns casos, expõem os animais ao sofrimento, submetendo-os a procedimentos dolorosos que podem levar até a morte. Será essa a única forma de testar remédios, produtos químicos e cosméticos para humanos? As respostas sobre o tema dividem até mesmo os cientistas.

Para os ativistas do direito animal, os testes com animais, além de submeterem os bichos ao sofrimento, não trazem resultados precisos. Um caso famoso é o da talidomida, remédio vendido para grávidas que causou a deformação de fetos em várias mulheres nos anos 1950. Era usado como sedativo para aliviar as náuseas das mulheres grávidas. Em todo o mundo, estima-se que entre 10 mil e 20 mil bebês nasceram sem pedaços dos braços ou pernas, ou com as mãos ou pés diretamente colados ao tronco. O remédio foi testado antes em animais.

Por outro lado, não faltam exemplos bem-sucedidos. Louis Pasteur (1827-1895) foi um dos que mais contribuiu para a validação de métodos científicos



Cães da raça beagle são retirados por manifestantes de laboratório do Instituto Royal

com testes em animais; Carlos Chagas (1878-1934) fez experiências com sargos e insetos em seus estudos sobre a malária e na descoberta da doença de Chagas; a vacina contra a poliomielite foi descoberta por Albert Sabin (1906-1993) após testes feitos em dezenas de macacos.

Os debates éticos sobre o uso de animais em testes ganharam força a partir da década de 1970, quando as primeiras comissões de ética para tratar do tema foram criadas. Um pouco antes, em 1959, dois cientistas ingleses tornaram-se pioneiros em alertar para as condições e os tratamentos dados aos animais em testes científicos e de cosméticos. William Russel e Rex Burch criaram os “3 Rs da experimentação animal”: redução, refinamento e *replacemant* (em português, substituição). A ideia da dupla era reduzir ao máximo o número de testes, amenizar a dor e substituir os animais sempre que possível.

O uso de animais para testes de cosméticos também incomoda ativistas, e os cientistas também acreditam que tal pro-

cedimento não seja mais necessário. Na União Europeia, tanto a realização desses testes quanto a venda de qualquer produto que tenha sido testado em um animal são proibidos. Esse tipo de teste também é proibido em países como Israel e Índia.

No lugar de animais, para testes de cosméticos, os especialistas recomendam uso de tecido humano descartado em cirurgias plásticas. Para testes científicos, uma alternativa para evitar o uso de animais seria substituí-los por células-tronco que, reproduzindo determinados órgãos, podem apresentar resultados muito mais próximos da realidade para os homens.

Pesquisadores ainda sugerem que testes com animais poderiam ser substituídos por simulações computacionais e bioinformática, tecnologia de DNA recombinante e nanotecnologia. No entanto, cada uma dessas possibilidades exige novos investimentos públicos e dos grandes laboratórios.